

A black and white photograph showing four hands from different people, each holding one end of a string. The hands are positioned in a circle, and the string is stretched between them, creating a web-like structure. The lighting is dramatic, highlighting the textures of the skin and the tension of the string.

**DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE**

**WINNICOTT**

**TRADUÇÃO  
DAVY BOGOMOLETZ**

- 7 Prefácio do autor
- 9 Agradecimentos
- II Introdução de M. Masud R. Khan

#### **PARTE I**

- 75 I. Nota sobre a normalidade e a ansiedade
- 102 2. Agitação

#### **PARTE II**

- 117 3. O apetite e os distúrbios emocionais
- 145 4. A observação de bebês numa situação padronizada
- 172 5. Consultas no departamento infantil
- 193 6. Psiconeuroses oculares da infância
- 203 7. A reparação relativa à defesa organizada da mãe contra a depressão
- 212 8. Ansiedade associada a insegurança
- 218 9. Tolerância ao sintoma na pediatria: histórico de um caso
- 242 10. Um caso tratado em casa

#### **PARTE III**

- 257 II. A defesa maníaca
- 281 12. Desenvolvimento emocional primitivo
- 300 13. Pediatria e psiquiatria
- 327 14. Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade
- 356 15. O ódio na contratransferência
- 371 16. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional
- 393 17. Psicoses e cuidados maternos
- 408 18. A mente e sua relação com o psicossoma
- 427 19. Retraimento e regressão
- 437 20. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal
- 462 21. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico
- 486 22. Formas clínicas da transferência
- 493 23. Preocupação materna primária
- 502 24. A tendência antissocial
- 517 25. Pediatria e neurose da infância
  
- 527 Índice remissivo
- 539 Sobre o autor

## PREFÁCIO

Este livro reúne diversas contribuições que apresentei a audiências científicas.

O estudante não deve esperar destas páginas uma introdução aos conceitos e técnicas elementares da psicanálise. Considerei que esses conhecimentos já estariam de posse dos leitores, pois os que me ouviam eram predominantemente psicanalistas. Tive a intenção de expor meus próprios pontos de vista e de pôr à prova ideias que me ocorreram ao longo de meu trabalho clínico.

Minha experiência clínica é um tanto variada. Nunca cheguei a romper com meu ponto de partida, a prática pediátrica. Foi muito valioso para mim estar em contato com a pressão social – à qual, como médico num hospital para crianças, eu tinha de responder. Ao mesmo tempo, apreciei bastante o desafio permanente da prática privada e das consultas terapêuticas. Tais atividades proporcionaram-me a possibilidade de aplicar de modo amplo o que eu vinha na mesma época aprendendo por meio da prática psicanalítica propriamente dita.

Tenho a esperança de que este livro consiga mostrar que a pediatria é um dos caminhos legítimos em direção à psicanálise, e até mesmo um bom caminho.

Julgou-se conveniente agrupar os trabalhos deste livro em três seções. Na primeira foram reimpressos dois capítulos de um livro anterior,<sup>1</sup> agora esgotado, nos quais é descrita minha atitude como pediatra, antes de minha formação em psicanálise. Escrevi-os como pediatra, para pediatras.

---

<sup>1</sup> O autor se refere a *Clinical Notes on the Disorders of Childhood*, publicado pela editora Heinemann em Londres, em 1931.

Os ensaios incluídos na segunda seção revelam-se fruto do trabalho de um pediatra, mas de um pediatra que havia se voltado para a psicanálise. Na terceira seção encontra-se a minha contribuição pessoal para a teoria e a prática atuais da psicanálise.<sup>2</sup>

D. W. WINNICOTT, 1957

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de reconhecer minha dívida para com minha secretária, a sra. Joyce Coles.

Agradeço ao sr. M. Masud R. Khan pela compilação do índice e por numerosas críticas e sugestões de grande utilidade.

Registro aqui minha gratidão para com as seguintes pessoas, editores e instituições pela permissão de reproduzir textos já publicados anteriormente: o editor do *British Journal of Medical Psychology*; o editor de Case Conference; a sra. W. M. Davies e Jonathan Cape Ltd. pelo poema “Infancy”, dos *Collected Poems of W. H. Davies*, reproduzido nas pp. 314–15; William Heinemann Ltd.; o editor do *International Journal of Psycho-Analysis*; a Ophthalmological Society; o editor de *Psyche*; o editor da *Revue Française de Psychanalyse*; a Royal Society of Medicine.

---

<sup>2</sup> O capítulo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” [1953], que constava da terceira parte da coletânea original, foi suprimido nesta edição brasileira. O leitor poderá encontrá-lo em D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* [1971] (Ubu Editora, 2019). [N.E.]

## INTRODUÇÃO

M. MASUD R. KHAN

*Se algum dia ocorrer [...] de escreveres a meu respeito [...],  
sé sensível o bastante – como ninguém o foi até agora – para caracteri-  
zar-me, para me “descrever”, mas não “avaliar”.*

NIETZSCHE A CARL FUCHS, carta de 29 de julho de 1888

Quando olho para trás, para os quase vinte anos de meu trabalho com Winnicott, o que me surge vividamente é seu aspecto físico relaxado e sua concentração luzidia. Winnicott prestava atenção com o corpo todo, e tinha um olhar perspicaz e não invasivo, que nos mirava com um misto de incredulidade e absoluta aceitação.<sup>1</sup> Uma espontaneidade de criança impregnava seus movimentos. Mas ele podia também ficar muito quieto, inteiramente controlado e quieto. Jamais conheci outro analista que tenha se tornado tão inexoravelmente si mesmo. Era essa característica de ser inexoravelmente si mesmo que lhe permitiu ser tantas pessoas diferentes para tanta gente. Cada um de nós que o conhecemos tinha *seu próprio* Winnicott, e ele jamais atropelou a maneira como o outro o inventava com a afirmação de seu modo pessoal de ser. E, ainda assim, permanecia inexoravelmente Winnicott.

---

<sup>1</sup> Esta é uma versão ampliada de minha introdução à edição francesa de *Therapeutic Consultations in Child Psychiatry* (London: Hogarth Press; New York: Basic Books, 1971), de Winnicott, que ele me pediu para escrever (*La Consultation thérapeutique et l'enfant*, trad. Claude Monode. Paris: Gallimard, 1972). Gostaria de agradecer a J. B. Pontalis, editor da série “Connaissance de l'inconscient” (Gallimard), da qual o livro fazia parte, por seu persistente estímulo, que me possibilitou escrevê-la. Sou grato também à sra. Clare Winnicott, por ler meu texto com dedicação tão atenta, ajudando-me a corrigir significativamente certos desequilíbrios de tom e textura.

Foi de propósito que comecei a defini-lo por sua presença física, porque não é possível compreender seu talento clínico sem primeiro entender que, nele, a psique e o soma encontravam-se em perpétuo diálogo e debate, que suas teorias são abstrações daquele constante *acontecimento* que era Winnicott, o ser humano e o clínico. E, novamente, Winnicott o homem e Winnicott o terapeuta eram recíprocos entre si, duas partes de um mesmo todo. Dito isso, consideremos agora Winnicott, o teórico. Ele havia sido criado na tradição de seu povo, os ingleses. Para ele os fatos eram a realidade, e as teorias, o titubear humano em busca dos fatos. Ele tinha uma incapacidade militante para aceitar dogmas. Winnicott era não conformista de criação; nada era estabelecido nem absoluto. Cada qual tinha de encontrar e definir sua própria verdade. O único dado era o espectro da experiência. E foi na tarefa de dar sentido ao seu longo encontro com as realidades da clínica que Winnicott empenhou todas as suas energias.

Como é de praxe entre os ingleses, ele escrevia no mais simples vernáculo. Não há retórica nem jargão intimidante em sua *écriture*. Escrevia como falava: de modo simples, e com a intenção de relatar. Sem tentar convencer nem doutrinar. Seu vocabulário pessoal era tão semelhante ao dos medianamente educados e ao uso comum das palavras, que todos eram enganados pela ilusão de que Winnicott dizia o que eles sempre souberam. Essa *méconnaissance* paradoxal lhe era bastante agradável. Sim, ele era muitíssimo orgulhoso, e sua autoestima só era ameaçada por seus próprios erros, nunca pela censura alheia.

Quando comecei a escrever este ensaio, os anos passaram voando diante de meus olhos. Lembrei-me da primeira vez em que ouvi Winnicott falar como presidente da seção médica da Sociedade Britânica de Psicologia: “Pediatria e psiquiatria” (cap. 13). Estávamos em 1948. Eu ouvia esse sujeito esquisito falando com seu inglês corretíssimo e dizendo-nos coisas tão obviamente claras, mas tão pouco abordadas. Falava com uma convicção e uma clareza que davam margem tanto para a dúvida como para o debate. Naquele momento decidi que eu iria saber mais sobre ele e sua forma de trabalhar. Graças ao saudoso dr. John Rickman, Winnicott permitiu que eu assistisse a uma

de suas consultas com o “jogo do rabisco” no Hospital Paddington Green. Nada poderia ser menos parecido com o ambiente médico-clínico esperado. Era um verdadeiro *acontecimento*. Alguém menos generoso diria que se tratava de um caos que ele mantinha sob controle. Ele falava com os pais enquanto a criança estava absorta desenhando algo *sem* sentido, de significado privado e importantíssimo. Winnicott alternava entre os pais e a criança, *facilitando* a ambos em seus esforços distintos de compartilhar suas agruras. Não era difícil imaginar que se tratava de pura mágica. No entanto, nada havia ali de mágico, porque a mágica funciona apenas com o auxílio de cúmplices, e nunca na presença de testemunhas e participantes recalcitrantes.

Foi então que me convenci de que, por trás de toda a inocência ingênua e caprichosa e de toda a espontaneidade de seu comportamento, escondia-se uma mente complexa que guiava as manobras e checava a todo momento suas próprias abstrações. A prática de Winnicott estava ancorada numa crescente e intrincada teoria que lhe custava, como ele costumava dizer, citando o verso de Eliot, “não menos que tudo”, para ser desenvolvida e elaborada na sua experiência pessoal e clínica.

## REALIDADE INTERNA VERSUS FANTASIA

Não é possível definir o caráter e a natureza verdadeiros das pesquisas de Winnicott, a não ser que as observemos evoluir no interior de uma certa fase e de um certo clima dos debates teóricos e clínicos da Sociedade Britânica de Psicanálise. A década de 1928 a 1938 foi talvez a época mais vital e criativa de pesquisa na Sociedade Britânica. A presença soberana de Sigmund Freud estava nos bastidores, em Viena. Seu trabalho havia recebido o acréscimo da hipótese estrutural da mente organizada em ego, superego e id<sup>2</sup> e da revisão da teoria da

2 Sigmund Freud, “O eu e o id” [1923], in *Obras completas*, v. 16, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

angústia,<sup>3</sup> que havia colocado o ego no centro do funcionamento psíquico e das realidades comportamentais. Pouco antes ele havia também introduzido o conceito da dualidade dos instintos: os instintos de vida e morte.<sup>4</sup> Um pouco mais longe, em Budapeste, a mente prodigiosamente criativa e fértil de Sándor Ferenczi abria novas perspectivas de ousadia clínica para os psicanalistas. Paralelamente, Anna Freud e Melanie Klein iniciavam suas pesquisas na análise de crianças.<sup>5</sup>

Para a Sociedade Britânica, um momento de importância capital foi o convite feito a Melanie Klein por seu então presidente dr. Ernest Jones para lecionar e clinicar em Londres em 1926. Seu talento singular para compreender as fantasias inconscientes da criança pequena por meio de técnicas do brincar tomou conta da imaginação de seus colegas britânicos na mesma medida em que levantou suspeitas e resistências em Berlim e Viena.

Gostaria agora de fazer uma pausa para falar um pouco das pessoas importantes para a Sociedade Britânica ao longo dessa década. Foram todos criados na tradição humanista liberal. Ernest Jones era a grande figura de autoridade. Havia também James e Alix Strachey, e Adrian e Karen Steven, do grupo de Bloomsbury. E havia John Rickman, um *quaker* que chegou à psicanálise por meio de seu trabalho na Rússia, em Viena e Budapeste. E Sylvia Paine, muito prestigiada pelo trabalho com soldados traumatizados na Primeira Guerra. E Ella Sharpe, que se tornou psicanalista depois de lecionar literatura. E também Joan Riviere, Barbara Low, J. C. Flugel, Susan Isaacs, Marjorie Brierley e sobretudo o dr. Edward Glover – um grande e apaixonado mestre, cuja clareza de pensamento era comparável apenas à sua vigorosa criatividade.

3 Id., “Inibição, sintoma e angústia” [1926], in *Obras completas*, v. 17, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

4 Id., “Além do princípio do prazer” [1920], in *Obras completas*, v. 14, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

5 Cf. Victor Smirnoff, *The Scope of Child Analysis*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.

A esse grupo tão vital de pessoas, Melanie Klein apresentou seu trabalho. Foi uma década de diálogo franco e aberto na Sociedade Britânica, e as pesquisas de Klein influenciaram o pensamento de todos. Até então ela ainda não havia levado seu trabalho ao nível da apostasia. Vindo da pediatria, Winnicott chegou à psicanálise nesse clima de vivacidade. Ele era uma figura ímpar, e já havia estabelecido sua posição clínica no livro *Disorders of Childhood*, de 1931.<sup>6</sup> Nesse livro ele havia se colocado de um modo extremamente impopular e revolucionário em relação aos problemas emocionais que poderiam levar à artrite em crianças. O caso de Eleanor naquele livro já nos deixa vislumbrar algo da capacidade inigualável de Winnicott para capturar na escrita seus encontros clínicos com uma criança. Visto que seu trabalho em psicanálise – com crianças e adultos – prolongou-se por cerca de quatro décadas, cedo ou tarde ficaria evidente que ele era um colega tão revolucionário e desconfortável para os psicanalistas quanto o fora para os pediatras.

Winnicott era uma alma alegre e perturbada que explorou ao máximo ambas essas facetas em sua vida e em seu trabalho. Não se poupou de nada. Fez uma longa análise pessoal, primeiro com James Strachey e em seguida com Joan Riviere. Descobriu a si mesmo através de seus relacionamentos pessoais e profissionais. Para Winnicott, o indivíduo humano era um isolado incognoscível capaz de personalizar-se e conhecer-se somente por meio do *outro*, como descreveu em seu trabalho “A capacidade de estar só”.<sup>7</sup> Foi para explicar esse paradoxo humano crucial que ele aplicou a extrema diligência de seus esforços clínicos e de sua perspicácia.

Winnicott deu a primeira mostra de sua maneira de olhar para a pessoa humana no trabalho “A defesa maníaca”, apresentado

6 Donald W. Winnicott, *Clinical Notes on Disorders of Childhood*. London: William Heinemann, 1931.

7 Id., “The Capacity to be Alone” [1958], in *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth Press; New York: International Universities Press, 1965.

## **SOBRE O AUTOR**

Donald Woods Winnicott nasceu em 7 de abril de 1896, em Plymouth, na Inglaterra. Estudou ciências da natureza na Universidade de Cambridge e depois medicina na faculdade do hospital St. Bartholomew's, em Londres, onde se formou em 1920. Em 1923, foi contratado pelo Hospital Infantil Paddington Green – onde trabalhou pelos quarenta anos seguintes –, casou-se com a artista plástica Alice Taylor e começou sua análise pessoal com James Strachey, psicanalista e tradutor da edição Standard das obras de Sigmund Freud para o inglês. Em 1927, deu início à sua formação analítica no Instituto de Psicanálise, em Londres. Publicou seu primeiro livro em 1931, *Clinical Notes on Disorders of Childhood* [Notas clínicas sobre distúrbios da infância]. Em 1934, concluiu sua formação como analista de adultos e, em 1935, como analista de crianças. Pouco depois, iniciou uma nova análise pessoal, desta vez com Joan Riviere. Durante a Segunda Guerra Mundial, Winnicott trabalhou com crianças que haviam sido separadas de suas famílias e evacuadas de grandes cidades. Nos anos seguintes à guerra, foi presidente do departamento médico da Sociedade Britânica de Psicologia por duas gestões. Após um casamento conturbado, divorciou-se de Alice Taylor em 1951 e casou-se com a assistente social Clare Britton no mesmo ano. Foi membro da Unesco e do grupo de especialistas da OMS, além de professor convidado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e na London School of Economics. Publicou dez livros e centenas de artigos. Entre 1939 e 1962, participou de diversos programas sobre maternidade na rádio BBC de Londres. Faleceu em 25 de janeiro de 1971.

**OBRAS**

- Clinical Notes on Disorders of Childhood*. London: Heinemann, 1931.
- Getting to Know Your Baby*. London: Heinemann, 1945.
- The Child and the Family: First Relationships*. London: Tavistock, 1957.
- The Child and the Outside World: Studies in Developing Relationships*. London: Tavistock, 1957.
- Collected Papers: Through Paediatrics to Psychoanalysis*. London: Hogarth, 1958.
- The Child, the Family, and the Outside World*. London: Pelican, 1964.
- The Family and Individual Development*. London: Tavistock, 1965.
- The Maturational Processes and the Facilitating*. London: Hogarth, 1965.
- Playing and Reality*. London: Tavistock, 1971.
- Therapeutic Consultations in Child Psychiatry*. London: Hogarth, 1971.
- The Piggie: An Account of the Psychoanalytic Treatment of a Little Girl*. London: Hogarth, 1977.
- Deprivation and Delinquency*. London: Tavistock, 1984. [póstuma]
- Holding and Interpretation: Fragment of an Analysis*. London: Hogarth, 1986. [póstuma]
- Home Is Where We Start From: Essays by a Psychoanalyst*. London: Pelican, 1986. [póstuma]
- Babies and their Mothers*. Reading: Addison-Wesley, 1987. [póstuma]
- The Spontaneous Gesture: Selected Letters*. London: Harvard University Press, 1987. [póstuma]
- Human Nature*. London: Free Association Books, 1988. [póstuma]
- Psycho-Analytic Explorations*. London: Harvard University Press, 1989. [póstuma]
- Talking to Parents*. Reading: Addison-Wesley, 1993. [póstuma]
- Thinking About Children*. London: Karnac, 1996. [póstuma]
- Winnicott on the Child*. Cambridge: Perseus, 2002. [póstuma]
- The Collected Works of D. W. Winnicott*. Oxford: Oxford University Press, 2016. [póstuma]

**EM PORTUGUÊS**

- A criança e seu mundo*, trad. Álvaro Cabral. São Paulo: LTC, 1982.
- Da pediatria à psicanálise*, trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- A família e o desenvolvimento individual*, trad. Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, trad. Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- O brincar e a realidade*, trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*, trad. Joseti M. X. Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- The Piggie: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina*, trad. Else P. Vieira e Rosa L. Martins. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Privação e delinquência*, trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Holding e interpretação*, trad. Sônia Maria T. M. de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Tudo começa em casa*, trad. Paulo Cesar Sandler. São Paulo, Ubu Editora/WMF, 2021.
- Bebês e suas mães*, trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- O gesto espontâneo*, trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Natureza humana*, trad. Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Explorações psicanalíticas*, trad. José Octavio A. Abreu. C. Winnicott, R. Shepperd e M. Davis (orgs). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Conversando com os pais*, trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Pensando sobre crianças*, trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**WINNICOTT NA UBU**

CONSELHO TÉCNICO Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker,  
Gilberto Safra, Leopoldo Fulgencio, Tales Ab'Sáber

*O brincar e a realidade*

*Bebês e suas mães*

*Tudo começa em casa*

*Da pediatria à psicanálise*

Título original: *Through Paediatrics to Psycho-Analysis*

© 1958 Tavistock Publications Limited/The Winnicott Trust

Introdução © 1975 M. Masud R. Khan

© Ubu Editora, 2021

*Tradução atualizada conforme critérios  
estabelecidos pelo conselho técnico.*

REVISÃO DE TRADUÇÃO Gabriela Naigeborin

REVISÃO Cristina Yamazaki

FOTO DA CAPA E PP. 2-3 Nino Andrés

MODELO DE MÃOS Jorge Wisnik

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

EQUIPE UBU

DIREÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

COORDENAÇÃO GERAL Isabela Sanches

DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN Elaine Ramos, Lívia Takemura (assistente)

EDITORIAL Bibiana Leme, Gabriela Naigeborin,

Júlia Knaipp (assistentes)

COMERCIAL Luciana Mazolini, Anna Fournier (assistente)

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO/CIRCUITO UBU Maria Chiaretti,

Walmir Lacerda (assistente)

GESTÃO SITE/CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

DESIGN DE COMUNICAÇÃO Júlia França

ATENDIMENTO Laís Matias, Micaely da Silva

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

*Nesta edição, respeitou-se o novo*

*Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

 **martinsfontes** **ubu**